

Quando uma Tradição É Ruim?

Mateus 15:7-20;
Marcos 7:6-8, 14-23,
Olhando de perto



N^o sermão passado, aprendemos que a palavra “tradição” significa basicamente “aquilo que foi transmitido”. Pode referir-se ao que foi transmitido por Deus, mas geralmente se refere ao que foi transmitido por homens. Reforçamos que o fato de uma tradição ter origem no homem não a torna automaticamente ruim. Todavia, as palavras incisivas de Jesus em Mateus 15 e Marcos 7 não deixam dúvida de que tradições criadas por homens podem ser erradas, muito erradas. Os textos bíblicos indicados para este sermão sugerem pelo menos três critérios para se determinar se uma tradição é ruim. Já analisamos o primeiro critério: *uma tradição é ruim quando viola uma ordem expressa de Deus*¹. Examinaremos aqui os outros dois critérios. Enquanto fazemos isso, que cada um de nós examine-se a si mesmo (2 Coríntios 13:5)!

UMA TRADIÇÃO² É RUIM QUANDO É IMPOSTA AOS OUTROS (MATEUS 15:7-9; MARCOS 7:6-8)

Quando Jesus falava com os fariseus, Suas palavras tornaram-se muito diretivas: “Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (Mateus 15:7-9). A citação é de Isaías 29:13. Naquela passagem, o profeta estava condenando os hipócritas da sua época. Jesus disse que as palavras inspiradas aplicavam-se com a mesma precisão aos líderes religiosos dos Seus dias.

Uma variedade de lições importantes pode ser extraída das palavras de Isaías: “Cultuar com os lábios” não basta; nossa obediência ao Senhor precisa vir do coração (Mateus 22:37; Romanos 6:17;

Eféios 6:6; Colossenses 3:16; 2 Coríntios 9:7). Já vimos que a adoração é “vã” (vazia), se não vier do coração nem for autorizada pelos céus. Nesta lição, vamos nos concentrar na parte final da citação: eles estavam “ensinando doutrinas que são preceitos de homens”. O contexto deixa claro que estavam ensinando seus “preceitos de homens” como se fossem “doutrinas” de Deus. Por mais importante que fossem as tradições para os fariseus, Jesus queria que entendessem que todas elas eram dogmas de homens, e não do Senhor.

Tradições Impostas como se Fossem Mandamentos

Cristo condenou os fariseus por realizarem purificações elaboradas antes de cada refeição? Não, se eles quisessem gastar tempo com rituais absurdos, o problema era deles. A condenação de Jesus aos fariseus não foi por conta do que praticavam, mas porque estavam tentando impor sua prática aos outros. Eles elevaram suas tradições à posição de mandamentos divinos. Ensinavam que os homens *tinham* de guardar suas tradições. Condenavam todos que deixavam de guardá-las. Vamos formular o segundo critério da seguinte maneira: *Uma tradição é ruim quando é imposta aos outros.*

Todos podem ver que tal prática é errada, pelo menos no seu princípio. Através dos anos, minha família desenvolveu suas próprias e peculiares tradições em relação a feriados e outras comemorações. Gostamos dessas tradições e elas nos ajudam a definir quem somos. Obviamente, não nos esforçamos em impor essas tradições a outras pessoas. Condenar outras famílias por não seguirem nossas tradições seria, no mínimo, ridículo.

Jesus ensinou claramente que é errado impor nossas tradições religiosas aos outros. Quando tentamos *aplicar* esse princípio é que surgem as controvérsias. As pessoas sentem-se naturalmente mais confortáveis com “a maneira como sempre fizeram as coisas”, e temos a tendência de pensar que é assim que se *deve* fazer. Apesar disso, precisamos nos

¹Se quiser, retome o sermão anterior e reveja a segunda seção, “Quando uma Tradição É Ruim”.

²Como ocorreu no último sermão, a palavra “tradição” nos subtítulos deste sermão refere-se às tradições de homens.

esforçar para distinguir entre o que não pode ser mudado (a vontade de Deus revelada) e o que pode ser mudado (os métodos usados para realizar a vontade de Deus).

Vêm à minha mente algumas ilustrações da área de adoração³: a maioria das congregações onde preguei possui hinários. Devemos então condenar uma congregação que projeta os cânticos numa tela⁴? Em todos os lugares em que preguei é costume um sermão fazer parte do culto dominical. Seria errado um culto dominical consistir basicamente de cânticos, orações e leituras bíblicas centradas na observância da ceia do Senhor? As congregações com as quais tenho contato também costumam ter um culto dominical à noite no prédio da igreja. Seria antibíblico uma outra congregação decidir ter os cultos da noite nas casas dos membros? Não estou perguntando se é prático, mas se é antibíblico.

O Novo Testamento nos dá um modelo básico para a adoração⁵, mas muitos dos detalhes são deixados a cargo do nosso julgamento. Com o passar dos anos, as congregações tendem a desenvolver sistemas que possibilitem que elas cumpram as exigências bíblicas. Não há nada de errado nisto, mas é preciso ter o cuidado de distinguir entre o que foi transmitido por *Deus* (o modelo divino) e o que foi transmitido por *homens* (nossos procedimentos para levar a cabo o modelo divino)⁶.

Quando minha família trabalhava com a igreja de Cristo em West Side, em Muskogee, Oklahoma, tínhamos um dirigente de cânticos chamado Charles Kelly que às vezes variava a ordem do culto de adoração. Por exemplo, podíamos ter a ceia no início ou no fim do culto. Algumas vezes, até a oferta acontecia em outro momento diferente do que estávamos acostumados, logo após a ceia⁷. Certo domingo em que a coleta não foi realizada após a ceia do Senhor,

³Se for preciso, adapte as ilustrações à realidade dos seus ouvintes.

⁴Presume-se que os ouvintes entenderão que a resposta é “não” a cada pergunta subsequente.

⁵Veja a edição “Guia para a Salvação de Todo Homem”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 34–40, 45–46.

⁶Um dos fatores desta discussão é a responsabilidade dos presbíteros em relação à congregação que eles pastoreiam. No cumprimento dessa responsabilidade, eles tomam decisões que afetam essa congregação. Devem, contudo, reconhecer que outras congregações não são obrigadas a seguirem suas decisões. Esse é o princípio de autonomia local. Mais uma vez, salientamos que é preciso se fazer uma distinção entre questões doutrinárias e questões de opinião.

⁷O raciocínio dele sobre isto era que, apesar de ser conveniente fazer a coleta logo após a ceia, as pessoas precisavam entender que a contribuição não fazia parte da ceia do Senhor.

uma visitante levantou-se de súbito e saiu às pressas do culto. Ao sair do prédio, exclamou a um homem no vestíbulo: “Em que tipo de grupo eu me enfiei?” Aparentemente, ela acreditava que havia “uma ordem de culto bíblica”⁸, e que qualquer desvio dessa ordem era “antibíblico”.

Nunca é demais enfatizar estes princípios básicos: é essencial distinguir entre os mandamentos de Deus e as tradições humanas; é errado impor aos outros as tradições criadas por homens que o nosso grupo adotou. Presumindo que concordamos até aqui, a pergunta crucial é: “Como distinguir entre os mandamentos de Deus e as tradições de homens?”

A Distinção entre Tradições e Mandamentos

Cada vez mais, tenho ouvido a palavra “tradicional” aplicada a qualquer coisa que já está vigente por algum tempo—com a implicação de que se trata de algo velho e desatualizado, ou de pouca ou nenhuma importância, podendo ser impunemente descartado. Por exemplo, tenho ouvido a expressão “a família tradicional”⁹ (ou seja, uma família que consiste de pai, mãe e filhos) usada num sentido depreciativo. Para quem crê na Bíblia, a pergunta importante não é “Há quanto tempo essa constituição existe?”, mas sim: “Isto é de Deus ou de homens?” (Mateus 21:25).

Fico angustiado quando ouço congregações fiéis da igreja do Senhor serem descritas com desprezo como “igrejas tradicionais”, e o que elas crêem e praticam ser rejeitado como “a opinião tradicional”. Aqueles que aplicam esses rótulos tendem a estigmatizar *tudo* que essas igrejas fazem como “tradicional”—fazendo pouca distinção entre o que elas fazem por questão doutrinária e o que fazem por questão de opinião.

Tenho ouvido conferencistas amontoarem numa mesma categoria as questões que contaminaram a igreja no passado, pressupondo que *todas* eram questões meramente de opinião e sem nenhuma relevância. Olhando para trás, concordo que alguns conflitos pareciam desnecessários, mas é justo descartar todas as questões contra as quais a igreja já lutou? Como os escritores inspirados teriam reagido se os cristãos tivessem minimizado as questões do

⁸Ela também pode ter pensado que havíamos eliminado uma das “expressões de adoração” (a contribuição), visto que não a realizamos no momento em que ela esperava.

⁹A composição da “família tradicional” procede de Deus e está em existência desde os primeiros capítulos de Gênesis. “A família tradicional” tem sido atacada pelos que defendem “casamentos entre homossexuais” e outros desvios da Palavra de Deus (como “morar juntos”, em vez de se casar).

judaísmo e do gnosticismo que ameaçaram a igreja primitiva?

Concordemos com uma coisa: uma tradição criada por homens é ruim quando é imposta aos outros. Vamos concordar também que não devemos classificar automaticamente qualquer crença ou prática como “tradicional” simplesmente porque pensamos que ela é antiga demais.

Anteriormente, afirmamos que a pergunta crucial é como distinguir entre os mandamentos divinos e as tradições humanas. Você sabe qual é a resposta a essa pergunta, e ela já foi mencionada várias vezes neste sermão: tudo o que cremos, ensinamos e fazemos deve ser analisado detalhadamente *à luz do que as Escrituras ensinam*. A pergunta não é: “Como sempre fizemos isto?”; nem tampouco: “Como gostaríamos de fazer isto?”, mas é: “O que Deus ensina na Sua vontade revelada?” (veja Atos 17:11). Emprestando a fraseologia de Jesus (Mateus 21:25), se uma doutrina ou prática for “do céu”, ela será obrigatória para todo cristão. Se for “de homens”, não devemos impô-la aos outros.

Será que ao dar essa resposta, conseguimos pôr um ponto final em toda disputa relativa ao que é “tradicional” e ao que não é? Será que respondemos a todas as perguntas que podem ser levantadas? Não, absolutamente não. O propósito desta exposição é rogar aos cristãos que evitem os extremos. Não vamos condenar outros por não guardarem nossas tradições, por mais apreciadas que sejam. Ao mesmo tempo, que nunca rotulemos um ensino ou prática religiosa de “tradicional” simplesmente porque ele tem sido difundido há anos. Afinal de contas, o Novo Testamento existe também há séculos. Vamos nos comprometer em fazer do ensino da *Palavra de Deus* nosso padrão para aceitar ou rejeitar qualquer ensino ou prática religiosa.

Muito tempo atrás, Josué deu ao povo de Deus esta mensagem proveniente diretamente do Senhor: “Tão-somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares” (Josué 1:7; veja também 23:6). Podemos pensar em ir “para a direita” como impor o que Deus não impôs (tradições humanas) e ir “para a esquerda” como desobedecer ao que Deus impôs (Sua vontade revelada). Vamos conduzir nossos corações de maneira a evitar qualquer um desses extremos. Vamos nos determinar a “proceder segundo todo” o ensino do Novo Testamento de Jesus!

Poderíamos encerrar com esse pensamento—mas Cristo não terminou aqui a Sua exposição. Ele

tinha pelo menos mais um ponto a ressaltar referente às tradições humanas. Essa verdade não é tão clara, mas é importante. Ela requer uma busca sincera tanto quanto os dois critérios anteriores—ou até mais que eles.

UMA TRADIÇÃO É RUIM QUANDO ADQUIRE UMA IMPORTÂNCIA INDEVIDA (MATEUS 15:10–20; MARCOS 7:14–23)

A conversa entre Jesus e os fariseus não foi em particular. Cristo não tinha interesse em defender a Si mesmo e aos Seus discípulos perante os líderes de coração endurecido, mas Ele acreditava que quem estivesse ouvindo merecia uma explicação. Marcos condensou num único versículo o sermão que Jesus pregou sobre a questão fundamental levantada ali:

Convocando ele, de novo, a multidão, disse-lhes: Ouvi-me, todos, e entendei. Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina (Marcos 7:14, 15).

Entre outras coisas, Jesus estava ensinando que a regra humana de lavar as mãos antes de cada refeição era ilógica. Na verdade, não é o que entra numa pessoa, incluindo alimento comido com mãos não-lavadas¹⁰, que o contamina (Mateus 15:20b), mas uma pessoa é contaminada pelo que sai dela—ou seja, as palavras e atos individuais.

A afirmação de Cristo tem implicações além da questão imediata dos rituais de lavagem. Marcos mencionou uma conclusão a partir do que Jesus disse: “E, assim, considerou ele puros todos os alimentos”¹¹ (Marcos 7:19b). É difícil para aqueles dentre nós que estão familiarizados com o Novo Testamento compreender como as palavras do Senhor soaram radicais aos Seus ouvintes. A instrução da Lei concernente ao que os judeus podiam e não podiam comer (Levítico 11) haviam sido inculcadas neles desde o nascimento (veja Atos 10:14). As palavras de Cristo foram tão surpreendentes que, quando Ele estava sozinho com os discípulos, Pedro pediu que lhes explicasse a parábola (Mateus 15:15). O uso da palavra “parábola” indica que Pedro pensou que a

¹⁰Se houver crianças entre os ouvintes, seria bom enfatizar que as palavras de Jesus nada tem a ver com a insistência de muitas mães para que os filhos lavem as mãos antes de comer. As mães estão preocupadas com a higiene. Jesus estava falando de uma cerimônia.

¹¹As palavras de Marcos não significam que, naquele momento, os discípulos entenderam isso. Marcos estava escrevendo trinta anos ou mais depois do ocorrido. Olhando para trás, homens inspirados viram que essa verdade era uma conclusão inevitável do que Cristo dissera.

afirmação certamente não deveria ser entendida literalmente!¹²

Jesus provavelmente meneou a cabeça ao dizer: “Assim vós também não entendeis?” (Marcos 7:18a). Jesus não ficou surpreso com a falta de entendimento da multidão, mas parecia esperar que Seus apóstolos tivessem maior percepção. De qualquer maneira, Ele explicou pacientemente: “Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso?” (Marcos 7:18b, 19a). Em outras palavras, comer e eliminar faz parte de um processo natural que nada tem a ver com o valor moral de um ser humano.

Convém aqui uma palavra de cautela. R. C. Foster escreveu: “Seria totalmente impróprio tentar aplicar este princípio a coisas que são autodestrutivas, como bebidas com alto teor alcoólico ou qualquer tipo de veneno”¹³. Algumas substâncias que entram na boca *podem* causar danos. Quantos pais dizem aos filhos pequenos: “Tire isso da boca!” O corpo é “santuário de Deus” (1 Coríntios 3:16, 17; 6:19); qualquer coisa que danifique esse santuário deve ser evitada. Todavia, Cristo não tinha em mente o que era potencialmente nocivo; Sua preocupação era com o alimento saudável e nutritivo que os judeus consideravam “impuro”.

Jesus continuou Sua explicação:

O que sai do homem, isso é o que o contamina. Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem (Marcos 7:20–23).

Um Problema Cardíaco Antigo

Muito poderia se dizer sobre os “maus desígnios” citados acima, mas gostaríamos de nos concentrar na palavra “coração”. Em todo este episódio, Jesus enfatizou que o principal problema dos fariseus era um problema *cardíaco*. Anteriormente, Jesus fez essa afirmação porque eles não estavam adorando a Deus *de coração* (Mateus 15:8; Marcos 7:6). Aqui, Ele disse, com efeito, que o foco deles estava no exterior, naquilo que entra no homem, quando deveriam se concentrar no interior—o *coração*, a origem tanto do bem quanto do mal.

¹²Pedro continuou relutando com os conceitos de Marcos 7:14, 15 até os acontecimentos de Atos 10.

¹³R. C. Foster, *Studies in the Life of Christ* (“Estudos sobre a Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 669.

Isto sugere um terceiro critério para se identificar se uma tradição é ruim: *uma tradição é ruim quando adquire uma importância indevida*—quando ela nos dá uma ênfase espiritual distorcida ou se torna tão importante para nós que a determinação de observá-la ofusca nossa preocupação em obedecer aos mandamentos de Deus. Cristo disse que a obsessão dos fariseus com suas tradições fez com que negligenciassem o mandamento de Deus (Marcos 7:8).

Um Problema Cardíaco Atual?

Como já afirmamos antes, a preocupação de atribuir a tradições uma importância indevida é mais sutil do que outros critérios usados para se identificar se uma tradição é ruim. O teste é mais subjetivo; apesar disso, é importante. Este terceiro perigo pode enganar tanto quanto os outros dois perigos já discutidos—ou até mais que eles. Você e eu talvez não tenhamos substituído os mandamentos de Deus por tradições humanas. Talvez não condenemos outros por não guardarem as nossas tradições. Todavia, ainda assim é possível que nossas tradições tenham se tornado tão importantes para nós que nos incomodamos mais quando as pessoas as ignoram do que quando desobedecem ao Senhor.

Você está balançando a cabeça e pensando: “Conheço pessoas assim”? Uma palavra de advertência: este não é um princípio para se aplicar aos *outros*. É um princípio para se aplicar a *si mesmo*. Não conheço o coração de outra pessoa. Posso *pensar* que as tradições de determinada pessoa sejam muito importantes para ela, mas não posso *saber* disso com certeza. Dois indivíduos podem observar exatamente as mesmas tradições, um com a devida perspectiva e o outro com uma perspectiva distorcida. Não vamos incorrer no erro de julgar as pessoas nessa questão (Mateus 7:1, 2; Romanos 2:1); que cada um se julgue a si mesmo.

CONCLUSÃO

Ao encerrarmos esta exposição sobre o ensino de Jesus acerca das tradições, uma frase famosa do passado me veio à lembrança: “Em questões de fé, unidade; em questões de opinião, liberdade; em todas as questões, amor”. As três partes dessa frase sugerem três perguntas que precisamos fazer relativas ao que fazemos ou ensinamos no campo da religião.

“*Em questões de fé, unidade.*” Uma “questão de fé” é aquela a respeito da qual Deus fala na Sua Palavra (Romanos 10:17). Em tais questões, precisamos ser unidos (1 Coríntios 1:10). Isto pressupõe a primeira pergunta que devemos fazer: “*A Bíblia autoriza o que faço e ensino?*” A pergunta mais importante relativa a

qualquer prática não é: “Há quanto tempo isto tem sido feito assim?”, mas: “Qual é a origem disso?”

“Em questões de opinião, liberdade.” Uma “questão de opinião” é aquela a respeito da qual Deus não fala na Sua Palavra. Envolve julgamento pessoal. Em tais questões, não devemos impor nossas opiniões aos outros. “Liberdade” é a senha¹⁴. Isto demanda um exame constante e sincero: “Será que a maneira de executar este mandamento, por alguma razão, está adquirindo a mesma importância na minha mente do que o mandamento em si?”

“Em todas as coisas, amor.” Quando amigos cristãos discordam em questões de opinião, ainda devemos amá-los (João 13:35; Romanos 12:10). Irmãos têm se separado e congregações têm se dividido por ignorarem esse princípio básico. Cada um precisa perguntar a si mesmo: “Tenho o mesmo espírito de Cristo em relação a tradições inofensivas que não violam as Escrituras e não devem ser impostas como lei?” É tolice insistir em fazer alguma coisa de determinada maneira só porque “sempre foi feito assim”. É igualmente tolice insistir em fazer as coisas de outra maneira só para ser diferente¹⁵. Quando há desacordo numa questão de opinião, amor, consideração e sensibilidade são a ordem do dia.

¹⁴A Bíblia nos ensina a usarmos da nossa liberdade de maneira que não ofendamos a igreja nem outros cristãos (veja 1 Coríntios 8:9), mas uma análise profunda sobre a liberdade cristã está além da proposta desta lição.

¹⁵Alguns indivíduos e congregações parecem estar determinados a serem o mais diferente possível—não porque tenham provas inquestionáveis de que a maneira deles é melhor, mas porque se rebelam contra o que classificam como

O tema das tradições é complexo. É fácil estabelecer os princípios básicos; aplicá-los, porém, é difícil. Isto não significa que o assunto é irrelevante ou que não precisamos procurar entender e obedecer aos princípios ensinados por Jesus em Mateus 15 e Marcos 7. Pelo contrário, significa que ninguém deve ser presunçoso a ponto de alegar que possui todas as respostas. Significa que precisamos estar preparados para estudar, reestudar e depois estudar ainda mais cada “assunto” que se levanta. Significa que precisamos ser pacientes uns com os outros (Efésios 4:2).

Ainda bem que nem todos os tópicos do cristianismo são tão difíceis quanto o tema das tradições. Vejamos, por exemplo, a questão da salvação do pecado. Não é maravilhoso que o plano do Senhor seja simples? Jesus nos amou e morreu por nossos pecados (João 3:16; 1 Coríntios 15:1–3) e a nossa parte é responder a esse sacrifício com uma obediência amorosa (João 3:16; Marcos 16:16; Atos 22:16). Podemos não ter todas as respostas relativas às tradições, mas é possível sabermos a resposta para a pergunta mais importante de nossas vidas: “Que devo fazer para ser salvo?” (Estude Atos 2:37, 38; 8:36–38; 16:30–33.) Você pode passar a vida toda debatendo a questão das tradições, mas não adie para outro momento a decisão de fazer a vontade de Deus. Se você precisa obedecer a Ele, faça-o agora!

“a igreja tradicional”. Este é um comportamento de “adolescente espiritual”. De nada vale ser diferente só para ser diferente.